

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



Joaquim dos Santos
Jessica Correia Duarte Nuvens
Antônio Carlos Dias de Oliveira
(Organizadores)

Atena
Editora
Ano 2021

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



Joaquim dos Santos
Jessica Correia Duarte Nuvens
Antônio Carlos Dias de Oliveira
(Organizadores)

Atena
Editora

Ano 2021

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2021 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2021 Os autores

Copyright da edição © 2021 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Ciências Humanas e Sociais Aplicadas**

Prof. Dr. Alexandre Jose Schumacher – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Prof. Dr. Américo Junior Nunes da Silva – Universidade do Estado da Bahia

Profª Drª Andréa Cristina Marques de Araújo – Universidade Fernando Pessoa

Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Prof. Dr. Antonio Gasparetto Júnior – Instituto Federal do Sudeste de Minas Gerais

Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília



Prof. Dr. Arnaldo Oliveira Souza Júnior – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Carlos Antonio de Souza Moraes – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Crisóstomo Lima do Nascimento – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Daniel Richard Sant’Ana – Universidade de Brasília
Prof. Dr. Deyvison de Lima Oliveira – Universidade Federal de Rondônia
Profª Drª Dilma Antunes Silva – Universidade Federal de São Paulo
Prof. Dr. Edvaldo Antunes de Farias – Universidade Estácio de Sá
Prof. Dr. Elson Ferreira Costa – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Eloi Martins Senhora – Universidade Federal de Roraima
Prof. Dr. Gustavo Henrique Cepolini Ferreira – Universidade Estadual de Montes Claros
Prof. Dr. Humberto Costa – Universidade Federal do Paraná
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Prof. Dr. Jadson Correia de Oliveira – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. José Luis Montesillo-Cedillo – Universidad Autónoma del Estado de México
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Prof. Dr. Luis Ricardo Fernandes da Costa – Universidade Estadual de Montes Claros
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Prof. Dr. Marcelo Pereira da Silva – Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Profª Drª Maria Luzia da Silva Santana – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Miguel Rodrigues Netto – Universidade do Estado de Mato Grosso
Prof. Dr. Pablo Ricardo de Lima Falcão – Universidade de Pernambuco
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Rita de Cássia da Silva Oliveira – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Rui Maia Diamantino – Universidade Salvador
Prof. Dr. Saulo Cerqueira de Aguiar Soares – Universidade Federal do Piauí
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Ribeiro Simon Cavalcanti – Universidade Católica do Salvador
Prof. Dr. William Cleber Domingues Silva – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins



Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizadores: Joaquim dos Santos
Jéssica Correia Duarte Nuvens
Antonio Carlos Dias de Oliveira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

C968 Cultura, gênero e sexualidade: sujeitos, processos sociais e práticas educativas / Organizadores Joaquim dos Santos, Jéssica Correia Duarte Nuvens, Antonio Carlos Dias de Oliveira. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2021.

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: World Wide Web

Inclui bibliografia

ISBN 978-65-5983-772-4

DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.724211412>

1. Cultura. I. Santos, Joaquim dos (Organizador). II. Nuvens, Jéssica Correia Duarte (Organizadora). III. Oliveira, Antonio Carlos Dias de (Organizador). IV. Título.

CDD 306

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Este e-book é resultado das pesquisas produzidas por diferentes estudiosos, de várias áreas do conhecimento e de diversas regiões do Brasil. Com a mesma relevância, o livro conta com capítulos assinados por investigadores estrangeiros, cujas análises são significativas para o rompimento de fronteiras espaciais e culturais a respeito do tripé que sustenta esta obra, pois as relações dialógicas entre diferentes saberes e sujeitos produtores de conhecimento científico são essenciais para o fortalecimento do debate e sua apropriação política, cultural, social, a fim de promover transformações sociais.

Os textos reunidos trazem à baila a compreensão do debate indissociável entre gênero, raça, classe e sexualidade. Esses marcadores sociais da diferença são postos estando imersos na(s) cultura(s), em seu amplo sentido: como modos de ser e viver o mundo. Como um mosaico constituído e marcado pelas diferenças, o livro agrega trabalhos de História, Educação, Direito, Psicologia, Economia, Linguística, Educação Física e Enfermagem. Isso reforça o caráter interdisciplinar e transdisciplinar desse debate.

Nessa trilha, há pesquisas sobre as desigualdades de gênero nas teorias de justiça; (in)visibilidade de gênero nos planos municipais de educação; sexualidades na pré-adolescência; construção das masculinidades e sofrimento psíquico; escritas de si de um professor negro; trajetórias de vidas de pais adolescentes; violência contra as mulheres e os mecanismos contra homens violentos; violência doméstica; gênero e políticas públicas de saúde; crime de importunação sexual; feminicídio e construção de santidade feminina; bonecas negras e processos de empoderamento; relações de gênero no mercado de trabalho; e transexualidade e esporte.

Desejamos que esses escritos sejam lidos e apropriados nos diferentes processos de lutas políticas, econômicas, sociais e culturais. Com a mesma relevância, almejamos que eles sejam pontes de comunicação para a formação de consciência crítica no tocante à equidade de gênero na contemporaneidade, bem como concernente ao enfrentamento das diversas formas de violências vividas por sujeitos considerados integrantes das “minorias” sociais.

Joaquim dos Santos
Jéssica Correia Duarte Nuvens
Antonio Carlos Dias de Oliveira

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

AS REPRESENTAÇÕES FEMININAS DA ANTIGUIDADE À IDADE MÉDIA E SUA EXCLUSÃO DO CONTRATO SOCIAL: AS DESIGUALDADES DE GÊNERO COMO OBJETO DAS MODERNAS TEORIAS DE JUSTIÇA

Katarina Karol Brazil de Melo Rocha

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114121>

CAPÍTULO 2..... 15

O CRIME DE IMPORTUNAÇÃO SEXUAL E A POPULARIZAÇÃO DAS TEORIAS FEMINISTAS

Júlia Salles Correia

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114122>

CAPÍTULO 3..... 26

A VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER COMO PROBLEMA PÚBLICO: UMA ABORDAGEM PARA CONSTRUIR UM PROBLEMA, A GERAÇÃO DE UM MARCO JURÍDICO DE AÇÃO E INTERVENÇÃO COM HOMENS VIOLENTOS NO MÉXICO

Felipe Eduardo Reyes Pérez Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114123>

CAPÍTULO 4..... 42

FORMAS DE PARTICIPAÇÃO FEMININA NA CONSTRUÇÃO DAS POLÍTICAS PÚBLICAS DE SAÚDE DA MULHER NO BRASIL E NO MUNDO

Aline Eggers

Roberto Vinícius Silva Saraiva

Evania Romanosky

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114124>

CAPÍTULO 5..... 53

VIOLÊNCIA DOMÉSTICA E A INTERFACE COM A RELAÇÃO DE GÊNERO E A GERAÇÃO

Sandra Natalie Silva

João Diógenes Ferreira dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114125>

CAPÍTULO 6..... 64

'REPRESENTAÇÕES NEGRAS IMPORTAM': BONECAS DE MODA E AS REPRESENTAÇÕES DE MULHERES NEGRAS

Janaíne dos Santos Rolim

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114126>

CAPÍTULO 7..... 78

MARTÍRIO, CASTIDADE E FEMINICÍDIO NO CEARÁ: O CASO DE BENIGNA CARDOSO

Jéssica Correia Duarte Nuvens

Joaquim dos Santos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114127>

CAPÍTULO 8..... 90

“VOCÊ TEM O DIREITO DE PERMANECER CALADO (A)”: A (IN)VISIBILIDADE DE GÊNERO NOS PLANOS MUNICIPAIS DE EDUCAÇÃO NO SEMIÁRIDO ALAGOANO

Amanda Monteiro Melo
Micheline Marques Alves
Fernanda Braga Peixoto

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114128>

CAPÍTULO 9..... 103

ESCRITOS AUTOBIÁGRICOS SOBRE A TRAJETÓRIA DE VIDA DE UM PROFESSOR AFRODESCENDENTE

Cláudio José Araújo Silva

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.7242114129>

CAPÍTULO 10..... 116

O QUE É SER HOMEM? UMA ANÁLISE SOBRE A CONSTRUÇÃO SOCIAL DAS MASCULINIDADES

Diary Igor Panta Marques
Marcus Cezar de Borba Belmino

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141210>

CAPÍTULO 11..... 132

CUANDO EL EMBARAZO OCURRE EN LA ADOLESCENCIA – UNA VISIÓN DESDE LOS ADOLESCENTES VARONES

Ana Laura Cafaro Mango

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141211>

CAPÍTULO 12..... 143

SEXUALIDADE NA PRÉ-ADOLESCÊNCIA

Nolasco Marcela

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141212>

CAPÍTULO 13..... 154

O LUGAR DO TRANSGÊNERO NO OCTÓGONO: GAME FACE

Aline Aparecida de Souza Ribeiro
Natália Rodrigues Reis
Priscila Gonçalves Soares

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141213>

CAPÍTULO 14..... 164

IGUALDADE DE GÊNERO NA PARTICIPAÇÃO DO MERCADO DE TRABALHO FORMAL DE SANTARÉM: A ÓTICA DAS ADMISSÕES

Lorena de Sousa Marques
Tarcísio da Costa Lobato

Zilda Joaquina Cohen Gama dos Santos
Andréa Simone Rente Leão

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.72421141214>

SOBRE OS ORGANIZADORES	177
ÍNDICE REMISSIVO.....	179

CAPÍTULO 11

CUANDO EL EMBARAZO OCURRE EN LA ADOLESCENCIA – UNA VISIÓN DESDE LOS ADOLESCENTES VARONES

Data de aceite: 01/12/2021

Ana Laura Cafaro Mango

Departamento de Trabajo Social, Facultad de
Ciencias Sociales
Universidad de la República – Uruguay

Artículo presentado en el VI Coloquio Internacional de Estudios sobre Hombres y Masculinidades. Brasil-Recife, 2 al 5 de abril de 2017. Obtuvo Premio de Mención Especial por la Rede Internacional de Estudios sobre Masculinidades (RIEMASC).

RESUMEN: El presente trabajo intenta tomar las trayectorias de vida de adolescentes padres respecto a los cuidados y crianza de sus hijos/as desde su propia experiencia subjetiva. Los objetivos están centrados en el análisis de los márgenes relativos de autonomía que poseen los adolescentes de los modelos de paternidad otorgados de sus referentes significativos así como analizar si las políticas públicas existentes habilitan o no a los mismos en cuanto a la asunción de la paternidad. La investigación será de carácter exploratoria y utilizará un enfoque metodológico cualitativo (Teoría Fundamentada). En este trabajo, se realizará una primera aproximación del marco teórico. Parte de la bibliografía consultada hasta el momento indica que la paternidad adolescente se estaría expresando con relaciones de género más equitativas, incluso a nivel de cuidados. Sin embargo, otros/as autores señalan que la construcción de la identidad de género de los

hombres estaría inhabilitando culturalmente a los adolescentes a organizar su vida cotidiana en torno al ejercicio de la paternidad.

PALABRAS CLAVE: Paternidad adolescente – género – masculinidades.

ABSTRACT: The present work approaches the life trajectories of adolescent parents regarding the care and upbringing of their children from their own subjective experience. The objectives are focused on the analysis of the relative margins of autonomy that adolescents have of the paternity models granted from their significant referents as well as analyzing whether or not existing public policies enable them in terms of the assumption of paternity. The research will be exploratory in nature and will use a qualitative methodological approach (Grounded Theory). In this work, a first approximation of the theoretical framework will be carried out. Part of the bibliography consulted so far indicates that adolescent fatherhood is expressing itself with more equitable gender relations, even at the level of care. However, other authors point out that the construction of men's gender identity would be culturally disabling adolescents to organize their daily lives around the exercise of fatherhood.

KEYWORDS: Teenage fathers - gender - masculinities.

1 | INTRODUCCIÓN

El siguiente trabajo intenta aproximarse al tema de investigación de mi tesis de Doctorado vinculado a las trayectorias de vida de adolescentes padres respecto a los

cuidados y crianza de sus hijos/as desde su propia experiencia subjetiva. Los objetivos están centrados en el análisis de los márgenes relativos de autonomía que poseen los adolescentes de los modelos de paternidad otorgados de sus referentes significativos así como analizar si las políticas públicas existentes habilitan o no a los mismos en cuanto a la asunción de la paternidad. La investigación será de carácter exploratoria y utilizará un enfoque metodológico cualitativo (Teoría Fundamentada). En este trabajo, se realizará una primera aproximación del marco teórico. Parte de la bibliografía consultada hasta el momento indica que la paternidad adolescente se estaría expresando con relaciones de género más equitativas, incluso a nivel de cuidados. Sin embargo, otros/as autores señalan que la construcción de la identidad de género de los hombres estaría inhabilitando culturalmente a los adolescentes a organizar su vida cotidiana en torno al ejercicio de la paternidad.

21 ANTECEDENTES

La paternidad en la adolescencia es un tema que ingresa a la agenda académica a partir de los años 80 en Europa y Estados Unidos¹ y más tardíamente en América Latina². En Uruguay los debates desde la academia son aún incipientes³ por tanto se considera de relevancia la temática como objeto de investigación.

Adherimos a la definición plural de *adolescencias* para dar visibilidad a la diversidad de las mismas teniendo en cuenta factores tales como el género, el territorio, la orientación sexual, las discapacidades, el origen étnico-racial, la situación socioeconómica, entre otros. En esta línea teniendo en cuenta que el concepto adolescencias es una construcción cultural, Viñar (2009) propone proscribir el singular, para preservar justamente la diversidad y singularidad de cada adolescente en cada tiempo histórico de acuerdo al lugar geográfico y social “(...) tanto en lo que remite al psiquismo (estructuración psíquica y/o construcción identitaria) como a los factores socioculturales que las configuran y modelan.” (íbidem, 2009:12). Agrega que no se trata sólo de una etapa cronológica de la vida y el desarrollo madurativo definible por una franja etaria sino que “(...) es un trabajo de transformación o proceso de expansión y crecimiento, de germinación y creatividad que – como cualquier proceso viviente – tiene logros y fracasos (...)” (íbidem, 2009:15). En este sentido, es una etapa de la vida donde ocurren cambios a nivel biológico y psico-sociales y el paso a nuevos estados de vida⁴. La paternidad adolescente estaría irrumpiendo en esa transición al

1 Aquí hacemos referencia a título de ejemplo a los investigadores norteamericanos Furstenberg, Hendricks, Elster y Lamb que comienzan a publicar estudios sobre paternidad adolescente desde 1980 en adelante. Ver algunas de sus obras en Bibliografía.

2 Para el contexto Latinoamericano señalamos autores/as como Jorge Fonseca, Carlos Eduardo Nunes, José Olivarría, Teresa Valdés, Norma Fuller a partir de la segunda mitad de los 90. Ver selección de algunas de sus obras en Bibliografía.

3 Aquí queremos mencionar autores/as que son a nuestro entender de referencia: David Amorín, Elina Carril, Wanda Cabella, Carlos Gúida, Carmen Varela, entre otros/as, que comienzan a incursionar en la temática a partir del año 2000. Ver Bibliografía.

4 Esta definición la desarrollan autores como Kimmel, Douglas y Weiner, Irving 1998 *La adolescencia: Una transición del*

mundo adulto y es vista como transgresora en esa alteración secuencial (De Martino, 2014). Por otro lado, desde una visión patriarcal y adultocéntrica, se ubica la responsabilidad del embarazo y de la crianza del niño/a en las adolescentes madres, sin problematizar cuál es el rol que asumen los varones frente a esta situación. López Gómez et al (2003) señala que el aún imperante paradigma “materno-infantil” invisibiliza al varón, en tanto se enfoca en el “binomio” madre-hijo/a. De esta manera se refuerza el lugar históricamente asignado a las mujeres en cuanto al cuidado y salud del embarazo y de su hijo/a luego de nacido/a, constituyéndose los varones en simples acompañantes.

La bibliografía consultada hasta el momento nos indica dos escenarios respecto a la temática: por un lado, se señala que la paternidad adolescente no escaparía a las determinaciones socio-culturales del modelo hegemónico de masculinidades⁵, mientras que otra indica el mayor involucramiento de los adolescentes en los cuidados y crianza de sus hijos/as.

Finalmente, señalar que los estudios demográficos en el Uruguay analizan la fecundidad adolescente, salvo encuestas recientes que incluyen al padre adolescente, lo cual implica ciertas dificultades metodológicas a tener en cuenta. De acuerdo a Calvo (2014), en el Uruguay el nivel de la fecundidad adolescente tuvo ascensos coyunturales entre 1996 y 1998 que se revirtió en los años siguientes. Sin embargo, se mantienen brechas significativas vinculadas a las desigualdades económicas, sociales, territoriales, de género y étnico-raciales. En este sentido, si bien la fecundidad adolescente en la totalidad ha descendido, se mantienen brechas en el comportamiento reproductivo de las adolescentes vinculado a las condiciones de vida, p.ej. en los departamentos de Artigas, Flores, Florida, Río Negro; y en Montevideo entre los barrios del cinturón de la ciudad, como ser Casavalle, La Paloma-Tomkinson, Casabó-Pajas Blancas y Villa García-Manga Rural. Respecto a las encuestas mencionadas (ENAJ 2013 y MYSU 2015), se observa un alto porcentaje de adolescentes varones sin hijos/as, sin embargo las muestras arrojan datos sensiblemente diferentes en cuanto a la edad media de los varones a tener su primer hijo/a, entre otros temas.

3 | ASPECTOS CONCEPTUALES

A) Estudios de género y masculinidades

Hacia 1970, se comienza a utilizar el término *gender* para denotar la dimensión cultural que se construye a partir de la diferencia biológica – resumida entonces en la idea de sexo. Se multiplican los esfuerzos académicos por dar estatuto científico a las vivencias y estudios sobre la mujer intentando hacerla visible como sujeto históricamente subordinado al hombre, producto de un orden social patriarcal que le atribuye cualidades

desarrollo. Editorial Ariel, Barcelona

⁵ Ver por ejemplo los estudios citados en la bibliografía: Sergio Muñoz Chacón (1999), José Olavarría y Sebastián Madrid (2005), José Olavarría (2008).

naturalmente inferiores. Aquí se hace referencia entre otras autoras a Oakley, 1972, Rubin 1975. La socióloga británica Ann Oakley (1972) fue una de las primeras que empleó el término género anotando que su uso moderno se refiere a las múltiples diferenciaciones de los cuerpos que ocurren en el espacio social y están delineadas sobre el plan biológico de base. Posteriormente, la antropóloga cultural Gayle Rubin (1975), propone una nueva manera de analizar la opresión de las mujeres con lo que llamó el sistema sexo/género que lo define como el conjunto de arreglos por los cuales una sociedad – en un determinado momento histórico y cultural - transforma la sexualidad biológica en productos de actividad humana, y en los que estas necesidades sexuales transformadas son satisfechas.

La categoría género⁶ se convierte en uno de los cimientos conceptuales con que las feministas construyeron sus argumentos políticos, pero ha rebasado el marco feminista inicial para ser utilizada en los debates académicos y políticos más trascendentes de la actualidad. Esta categoría introducida en los análisis sociales trajo consigo una serie de rupturas epistemológicas. Siguiendo el planteo de la antropóloga chilena Sonia Montecino (1996), el concepto de género introducido en los análisis sociales trajo consigo una serie de rupturas epistemológicas: por un lado, cuestionó la categoría universal de mujer/varón introduciendo la idea de variabilidad, en tanto ser mujer o varón es un constructo social que por tanto varía de cultura en cultura; por otro lado, el concepto de género trajo consigo la necesidad de comprender lo femenino en relación a lo masculino y viceversa, haciendo de esta manera alusión al carácter relacional de la categoría. La antropóloga chilena agrega que la diferencia entre lo femenino y lo masculino se entrelaza además con las diferencias generacionales, de clase social y las distinciones étnicas, es decir que el sujeto es percibido a partir de la multiplicidad de elementos que constituyen su identidad.

Esta proliferación de la academia feminista da lugar a los estudios sobre identidades masculinas que surgen en el mundo anglosajón a partir de la segunda década de los setenta⁷ y en América Latina desde finales de los ochenta. Resultan interesantes para la investigación los aportes de Connell (1987) quien sostiene que las relaciones de género responden a configuraciones de una práctica de género desarrollando a partir del concepto gramsciano de hegemonía, el concepto de *masculinidad hegemónica*. Se crea un modelo de masculinidad ideal que no necesariamente corresponde a la mayoría de los hombres donde se tiende a reproducir la dominación de los hombres y la subordinación de las mujeres así como también de masculinidades subordinadas. Definir los aspectos hegemónicos es identificar por tanto pautas de comportamiento, expresiones, prácticas laborales, ideales

6 Lamas (2003) señala que el origen anglosajón de la palabra *gender* puede plantear alguna confusión en castellano. Mientras que el término *gender* en su acepción generalizada en inglés es unívoca, en las lenguas romas tiene múltiples acepciones ya que la palabra se utiliza para clasificar distintos tipos, clases y especies de cosas iguales entre sí. También se equivocan aquellas personas que relacionan la categoría género con “lo relativo a las mujeres”

7 Aquí hacemos referencia a los primeros estudios sobre masculinidades cuyos referentes son Robert (Raewyn) Connell, Jeff Hearn, Michael Kaufmann y Michael Kimmel, entre otros a través de sus publicaciones a partir del año 1987 que figuran en la bibliografía. Continúan siendo autores/as de referencia a la fecha. A grandes rasgos, se puede decir que el concepto de masculinidades refiere a cómo los hombres son socializados así como a los discursos y prácticas que se asocian con las diferentes formas de ser hombre.

culturales e institucionales, entre otros, que para un colectivo determinado en un contexto particular constituyen por tanto el modelo a seguir de lo masculino.

B) Estudios sobre paternidades en varones adolescentes

La visibilidad dada a la paternidad⁸, desde las ciencias sociales, es reciente, más aún vinculada a la paternidad adolescente. La maternidad y paternidad en la adolescencia son vistas como un problema social e individual fijando la mirada desde un punto de vista físico y de sus riesgos (indicando la mayor mortalidad y morbilidad materno-infantil, etc.), olvidando los factores de orden cultural, social y emocional. Se atribuye generalmente a circunstancias como la falta de educación y oportunidades, la pobreza (Filgueira, 1998, CEPAL, 2004, entre otros), existiendo una correlación entre educación, edad de comienzo del ciclo reproductivo y cantidad de hijos/as. Sin embargo, ante explicaciones de este tipo, Pantelides (2004) propone leer esta evidencia en forma inversa: “(...) es la pobreza la que perpetúa situaciones que llevan al embarazo en la adolescencia.” (íbidem, 2004:12). Es decir que, según esta autora, serían las condiciones estructurales preexistentes las que estarían dando el marco explicativo de por qué algunas adolescentes se convierten en madres y otras no. Al intentar comprender los factores que pueden influir en el comienzo del ciclo reproductivo en la adolescencia, se pueden encontrar distintos debates e investigaciones que hacen énfasis en la ausencia de información e inaccesibilidad a métodos anticonceptivos, pero también a proceso de desafiliación institucional y diversas situaciones de vulnerabilidad, fundamentalmente ligadas a situaciones de pobreza (Infesta Domínguez, 1996; Corbo et al, 2011).

Persiste la asociación del adolescente padre como “ausente”, “inmaduro” o interesado sólo por el sexo⁹ fuertemente ligado a los mandatos de la masculinidad hegemónica. Según Aguayo y Sadler (2006), la respuesta social ante la maternidad y paternidad en edades tempranas presiona a las y los adolescentes a cumplir con roles tradicionales de género. Se espera que el varón provea económicamente, mientras que la adolescente se haga cargo de los cuidados del niño/a.

Sin embargo, diversos trabajos estarían señalando una nueva concepción social de la paternidad en la adolescencia donde los padres asumirían un papel más activo en la crianza¹⁰ y cuidados de sus hijos/as. La paternidad aparecería como un punto de inflexión, como posibilidad vital de extender la protección y los lazos familiares a través de las diversas generaciones (De Martino, 2014). Por otro lado, la participación del padre adolescente en el cuidado de los hijos/as estaría favoreciendo la revisión de la tradicional

8 Para Latinoamérica, son autores/as de referencia – entre muchos/as otros/as – José Olavarría y Teresa Valdés.

9 Ver Nunes (1998) y Robinson (1988), entre otros.

10 Entendemos por *crianza* la inscripción de determinadas pautas permeadas por el contexto cultural, socio-económico y jurídico. En cuanto subjetividad “no hay crianza sin evocación de los sucesos que gestaron a la persona que cría. Y esto se debe, en parte, a que la crianza necesita de gestos cotidianos, de saberes “heredados” que se instalan en el propio cuerpo sin estridencias, porque no han accedido a la enunciación conceptual, o sea al conocimiento.” (Calmels, 2009:100)

división sexual de tareas además de los beneficios que implica para los niños/as en términos de su desarrollo psico-físico. A título de ejemplo Aguayo y Sadler (2006), Barker (2006), Fisher et al. (2006), Barclay y Lupton (1999), entre otros, señalan que se estarían promoviendo paternidades comprometidas en el sentido de un mayor involucramiento en la salud materna, en el acompañamiento del embarazo, en el cuidado del bebé-niño/a, etc. Esto estaría representando no sólo beneficios para los niños/as, para las madres sino también para los mismos hombres en tanto padres, a la vez que estaría significando un avance en términos de equidad de género.

C) Cuidados desde una perspectiva de género y generación

Los debates académicos sobre el trabajo doméstico y de los cuidados se remontan a los años setenta en los países anglosajones, impulsados principalmente por las corrientes feministas, y a partir de los años noventa una vasta producción de conocimiento en la literatura europea (Benería, 1992; Carrasco, 1992; Lewis, 1992; Orloff, 1993). En Latinoamérica el debate académico y político en torno del trabajo sobre los cuidados es más reciente (Martínez Franzoni, 2005; Pautassi, 2007). Existen numerosos estudios, entre ellos de Rosario Aguirre y Karina Batthyány – cuyos inicios se ubican en 1991 y 2000 respectivamente – donde se señala cómo el tema de los cuidados atraviesa las relaciones entre géneros y generaciones visualizándose las relaciones asimétricas existentes entre varones y mujeres.

La producción de conocimiento con su consecuente evidencia empírica – por ejemplo las encuestas sobre Uso del Tiempo y Trabajo no Remunerado¹¹ -, permite darle contenido a la noción de cuidado familiar al observar el tiempo que dedican mujeres y hombres a diferentes actividades. Estos y otros estudios realizados en Uruguay (véase por ejemplo, Aguirre, 1997 en adelante, Batthyány, 2000 en adelante) han puesto de manifiesto que las actividades domésticas y de los cuidados se siguen sustentando en la división sexual del trabajo donde mujeres y hombres parecen atrapados en sus roles históricamente asignados: las mujeres en su rol de cuidadoras y los varones en el de proveedores económicos.

En relación a las tareas de cuidado, en la Tercera Encuesta Nacional de Adolescencia y Juventud (Ministerio de Desarrollo Social-Instituto Nacional de la Juventud, 2015), se destaca que si bien existen brechas de género entre las mujeres adolescentes y jóvenes que se encargan de las mismas en un 25,4 % frente a un 8,8 % de los varones, también éstos han abandonado el sistema educativo o trabajo por causa del cuidado, encontrándose diferencias notorias entre los quintiles más bajos y aquellos que tienen ingresos más altos. Por tanto, la carga del cuidado pasa a representar una barrera real al desarrollo de oportunidades en el ámbito laboral, educativo, entre otros.

11 Instituto Nacional de Estadística, Universidad de la República, Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Sociología 2008 “*Uso del tiempo y trabajo no remunerado en el Uruguay. Módulo de la Encuesta Continua de Hogares. Setiembre 2007*”; Montevideo, Uruguay; UNFPA, INE, FCS, MIDES 2014 *Uso del tiempo y trabajo no remunerado en Uruguay 2013*, Montevideo, Uruguay

De acuerdo a lo expuesto, la literatura internacional y nacional acerca de los varones en tanto padres, y más aún cuando se trata de adolescentes, estaría indicando que las incipientes políticas públicas que apuntan a la igualdad de género no han incorporado acciones concretas que incluyan a los varones como actores activos en tanto hombres y padres.

REFERENCIAS

Aguayo, Francisco y Sadler, Michelle 2006 *Gestión Adolescente y Dinámicas Familiares*. Fondo de Solidaridad e Inversión Social. Ministerio de Planificación. Gobierno de Chile. Disponible en https://www.academia.edu/2997545/Estudio_de_las_Din%C3%A1micas_Familiares_en_Familias_de_Padres_y_Madres_Adolescentes consultada 24.7.2016

Aguirre, Rosario; Mira, María Teresa 1991 *Los servicios de cuidado de niños de 0 a 5 años en La Unión y Villa Española. Una necesidad real de los niños, una necesidad sentida por las mujeres, una tarea de todos*. Centro Interdisciplinario de Estudios sobre Desarrollo (CIEDUR), Casa de la Mujer de la Unión, Montevideo, Uruguay

Aguirre, Rosario y Fassler, Clara 1997 “La mujer en la familia como protagonista del bienestar social” En: Fassler, Clara (coord.) *Género, familia y políticas sociales. Modelos para armar*. Pp. 48-55, Ediciones Trilce, Montevideo, Uruguay

Aguirre, Rosario 1998 *Sociología y Género. Las relaciones entre hombres y mujeres bajo sospecha*. Editorial Doble clic, Montevideo, Uruguay

Aguirre, Rosario 2003 *Género, ciudadanía social y trabajo*, Montevideo: Universidad de la República, Facultad de Ciencias Sociales, Departamento de Sociología

Aguirre, Rosario 2005 *Los cuidados familiares como problema público y objeto de políticas*, Reunión de expertos. Políticas hacia las familias, protección e inclusión social. Comisión Económica para Latinoamérica y el Caribe (CEPAL), Chile, [en línea] http://www.cepal.org/dds/noticias/paginas/2/21682/Rosario_Aguirre.pdf, consultada 24.7.2016

Aguirre, Rosario 2008 “El futuro de los cuidados” En: Arriagada, Irma (ed.) 2008 *Futuro de las familias y desafíos para las políticas*. Serie Seminarios y Conferencias, No. 52, Comisión Económica para Latinoamérica y el Caribe (CEPAL), Chile, [en línea] http://www.cepal.org/publicaciones/xml/9/32699/ssc_52_Familias.pdf, consultada 24.7.2016

Aguirre, Rosario, García, Cristina, Carrasco, Cristina 2005 *El tiempo, los tiempos, una vara de desigualdad*, Serie Mujer y Desarrollo, No. 65, Comisión Económica para Latinoamérica y el Caribe (CEPAL), Chile, [en línea] <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/7/22367/lcl2324e.pdf> consultada 24.7.2016

Aguirre, Rosario; Batthyány, Karina 2005 *El cuidado infantil en Montevideo. Análisis de resultados de la encuesta sobre uso del tiempo: desigualdades sociales y de género*. Montevideo, Universidad de la República. UNICEF.

Aguirre, Rosario (editora) 2009 *Las bases invisibles del bienestar social. El trabajo no remunerado en Uruguay*. UNIFEM URUGUAY [en línea] <http://www.ine.gub.uy/biblioteca/libro%20las%20bases%20invisibles.pdf> consultada 24.7.2016

Aguirre, Rosario 2010 “Los cuidados entran en la agenda pública”, En: *Uso del tiempo, cuidados y bienestar. Desafíos de Uruguay y la región*. Revista de Ciencias Sociales, Departamento de Sociología, Año XXIII, No. 27, pp. 10-19

Aguirre, Rosario 2011 “El reparto del cuidado en América Latina” En: Durán, María Ángeles (dir.) *El trabajo del cuidado en América Latina y España*, Documento de Trabajo No. 54, Fundación Carolina CeALCI, Madrid, España

Aguirre, Rosario, Ferrari, Fernanda 2014 *Las encuestas sobre uso del tiempo y trabajo no remunerado en América Latina y el Caribe. Caminos recorridos y desafíos hacia el futuro*, Comisión Económica para Latinoamérica y el Caribe (CEPAL), Serie Asuntos de Género, No. 122, Chile [en línea] <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/7/50757/LasencuestassobreelusodeltiempoRev1.pdf> consultada 24.7.2016

Amorín, David, Carril, Elina, Varela, Carmen 2006 “Significados de maternidad y paternidad en adolescentes de estratos bajos y medios de Montevideo” Pp. 125 – 246. En: López Gómez, Alejandra (coord.) *Proyecto género y generaciones. Reproducción biológica y social de la población uruguaya*. Tomo I: Estudio Cualitativo. Montevideo: Trilce.

Barker, Gary 2006 “Men’s participation as fathers in the Latin American and Caribbean Region: a critical literature review with policy options.” En Bannon, Ian; Correia, Maria C. *The other half of gender: men’s issues in development*. Washington, DC. World Bank

Batthyány, Karina 2000 “Estado, familia y políticas sociales, ¿quién se hace cargo de los cuidados y las responsabilidades familiares?”. En: Revista de Ciencias Sociales Nro.18. Depto. de Sociología, FCU.

Batthyány, Karina 2001a “El trabajo de cuidados y las responsabilidades familiares en Uruguay: Proyección de demandas”, en: Aguirre, Rosario y Batthyány, Karina (comp.) *Trabajo, género y ciudadanía en los países del Cono Sur*, CINTERFOR-OIT, Montevideo, Uruguay

Batthyány, Karina 2001 “Respuestas institucionales a las necesidades de cuidado infantil en el Uruguay. Diagnóstico de situación.” FCS-DS, Montevideo.

Batthyány, Karina 2002 *Maternidad y trabajo asalariado. Las estrategias de cuidado infantil de las mujeres en Montevideo. Estudio de caso múltiple*. [en línea] <http://www.rau.edu.uy/fcs/soc/Publicaciones/Libros/Archivos/LAS%20BRUJAS%2002/11%20Batthyany.pdf> consultada 24.7.2016

Batthyány, Karina 2004 *Cuidado infantil y trabajo: ¿Un desafío exclusivamente femenino?*, Centro Interamericano para el Desarrollo del Conocimiento en la Formación Profesional (CINTERFOR) / Oficina Internacional del Trabajo (OIT)

Batthyány, Karina 2007 *Articulación entre vida laboral y vida familiar. Las prácticas de cuidado infantil de trabajadoras asalariadas de Montevideo*. En: Gutiérrez, María Alicia, “Género, familias y trabajo: rupturas y continuidades. Desafíos para la investigación política”, CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Buenos Aires, Argentina.

Batthyány, Karina y Perrota, Valentina. 2011. *Sistema Nacional de Cuidados: diagnóstico y propuestas desde una perspectiva de género y derechos. Informe final de investigación*. Fondo concursable Carlos Filgueira, Montevideo. Uruguay

Batthyány, Karina, Genta, Natalia, Perrota, Valentina 2013a *El cuidado de calidad desde el saber experto y su impacto de género. Análisis comparativo sobre cuidado infantil y de adultos y adultas mayores en el Uruguay*. Serie Asuntos de Género No. 123, Comisión Económica para Latinoamérica y el Caribe (CEPAL), Chile, [en línea] <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/5/50985/Elcuidadodecalidad.pdf> consultada 24.7.2016

Batthyány, Karina, Genta, Natalia, Perrota, Valentina 2013b *La población uruguaya y el cuidado. Análisis de representaciones sociales y propuestas para un Sistema de Cuidados en Uruguay*, Universidad de la República, Ministerio de Desarrollo Social

Benería, Lourdes 1992 "Accounting for Women's Work: The Progress of Two Decades", En: *World Development* 29 (11), pp. 1547-1569 [resumen disponible en línea] <http://books.google.com.uy/books?id=4sUBjCXP37QC&pg=PA319&lpg=PA319&dq=BE+NERIA+Accounting+for+Women%27s+work:+The+Progress+of+Two+Decades&source=bl> consultada 24.7.2016

Bourdieu, Pierre 2007 (1998) *La dominación masculina*. Editorial Anagrama, Barcelona, España

Calvo, Juan José (coord.) 2014 *Altas sociodemográfico y de la desigualdad del Uruguay. La fecundidad en el Uruguay (1996-2011): desigualdad social y diferencias en el comportamiento reproductivo*. Fascículo 3. Instituto Nacional de Estadística, Departamento de Sociología, Programa de Población, Instituto de Economía, Ministerio de Desarrollo Social, ONU Mujeres

Carrasco, Cristina 1992 "El trabajo de las mujeres: producción y reproducción. Algunas notas para su reconceptualización" En: *Cuadernos de Economía*, Vol. 20, pp. 95-109 [en línea] https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/5639/34170_7.pdf?sequence=1 consultada 24.7.2016

----- 2001 "La sostenibilidad de la vida humana: ¿Un asunto de mujeres?", en: *Mientras Tanto*, no. 82, pp.1 – 26, Ed. Icaria, Barcelona, España [en línea] http://sidoc.puntos.org.ni/isis_sidoc/documentos/04233/04233_00.pdf consultada 24.7.2016

Carrasco, Cristina, Borderías, Cristina y Torns, Teresa (eds.), 2011 "El trabajo de cuidados: Antecedentes históricos y debates actuales", pp. 13 - 96. En: *El trabajo de cuidados. Historia, teoría y políticas*. Los Libros de la Catarata, Madrid, España [en línea] https://www.fuhem.es/media/cdv/file/biblioteca/Economia_critica/El_trabajo_de_cuidados_C._Carrasco_C._Borderias_T._Torns.pdf consultada 24.7.2016

Connell, Robert 1987 *Gender and Power. Society, the Person and Sexual Politics*. Stanford University Press, Stanford, California

Connell, Robert; Hearn, Jeff; Kimmel, Michael (eds.) 2005 *Handbook of studies on men and masculinities*, Sage Publications, California, Estados Unidos

De Martino, Mónica 2014 *Visibilizando la paternidad adolescente*. Prisma Social. Nro.13. Diciembre 2014, Madrid; España

Elster, AB, Lamb ME (org.) 1986 *Adolescent fatherhood*. Hillsdale. New Jersey: Lawrence Erlbaum

Elder, Glen 1978 "Family History and the Life Course" En: Hareven, Tamara (ed) 1978 *Transitions: The Family and the Life Course in Historical Perspective* Academic Press Inc. (London) Ltd.

Fonseca, Jorge L. 1998 "Paternidadeadolscente: Da investigacao á intervencao". Em. M. Arilha SGU. Ridenti, B. Medrado (org.) *Homens e masculinidades: Outras palavras*. (pp. 185-214), Sao Paulo: Editora 34

Fuller, Norma 2000 *Paternidades en América Latina*. Fondo Editorial de la Pontificia Universidad Católica de Perú.

Güida, Carlos, Martínez, Ivonne, Salles, Gonzalo, Scarlatta, Laura 2007 *De paternidad y exclusiones. El lugar de los varones en sectores de pobreza extrema*. Montevideo. ONU

Hearn, Jeff 1987 *The gender of oppression: Men, masculinity and the critique of Marxism*. Ed. Harvester Wheatsheaf

Kaufman, Michael 1987 *Beyond patriarchy: Essays by men on pleasure, power and patriarchy*. Toronto: Oxford University Press

Kimmel, Douglas y Weiner, Irving 1998 *La adolescencia: Una transición del desarrollo*. Editorial Ariel, Barcelona

Kimmel, Michael 1987 *Changing men: New directions in research on men and masculinity*. Newbury Park, CA: Sage

Lamas, Marta (comp.) 2003 *El género. La construcción cultural de la diferencia social*. Universidad Nacional Autónoma de México. Programa Universitario de Estudios de Género (PUEG), México

Lewis, Jane 1992 *Gender and Welfare Regimes: Further Thoughts* [en línea] <http://sp.oxfordjournals.org/content/4/2/160.full.pdf+html> consultada 24.7.2016

López Gómez, Alejandra, Benia, Wilson, Contera, Myriam, Güida, Carlos 2003 *Del enfoque materno infantil al enfoque de la salud reproductiva. Tensiones, obstáculos y perspectivas*. Cátedra Libre de Salud Reproductiva, Sexualidad y Género. Facultad de Psicología. Universidad de la República. Montevideo. [en línea] instituciones.sld.cu/genero/files/2012/12/Del-enfoque-materno-infantil-al-enfoque-en-salud-reproductiva.pdf, consultada 24.7.2016

Martínez Franzoni, Juliana 2005 "La pieza que faltaba: uso del tiempo y regímenes de bienestar en América Latina", En: Nueva Sociedad, No. 194, pp. 35-52 [en línea] <http://132.248.9.34/hevila/Nuevasociedad/2005/no199/4.pdf> consultada 1.6.2016

Ministerio de Desarrollo Social-Instituto Nacional de la Juventud 2015 *Tercera Encuesta Nacional de Adolescencia y Juventud ENAJ 2013* Disponible en: <http://www.inju.gub.uy/innovaportal/file/45835/1/informe-tercera-enaj-final.pdf> consultada 24.7.2016

Montecino, Sonia 1996 *De la Mujer al Género: Implicancias Académicas y Teóricas*. Centro de Estudios Miguel Enríquez, Archivo Chile. Diponible en: www.archivochile.cl/Mov_sociales/mov_mujeres/doc_gen_cl/MSdocgencil0013.pdf consultada: 24.7.2016

Montesinos, Rafael 2004 “La nueva paternidad: expresión de la transformación masculina” En: Polis, 2 (4), pp. 197-220

Muñoz Chacón, Sergio 1999 *Invisibles e ignorados: la paternidad en la adolescencia*. Ciencias Sociales, (II-III), 84-85, pp. 75-82

Mujer y Salud en Uruguay (MYSU) 2015 *Necesidades y demandas en salud sexual y reproductiva en varones uruguayos. Un análisis de resultados del estudio 2012-2013. Observatorio Nacional en Género y Salud Sexual y Reproductiva*. – MYSU, Montevideo

Nunes, Carlos 1998 “Adolescência e paternidade: Um duelo de papéis sociais”. *Psicologia e Sociedade*, 29(1), 125- 138.

Olavarría, José 2000 *Identidad/es masculina/s, violencia de género y cultura de la paz. Antecedentes para el debate en América Latina*, FLACSO-Chile – Unesco

Olavarría, José; Madrid, Sebastián 2005 *Sexualidades adolescentes y políticas públicas. Varones adolescentes: sexualidad, fecundidad y paternidad en América Latina y el Caribe*. Fondo de Población de las Naciones Unidas, Equipo de Asistencia Técnica para América Latina, FLACSO, México

Pautassi, Laura 2007 *El cuidado como cuestión social desde un enfoque de derechos*. Laura C. Pautassi, CEPAL, Serie Mujer y Desarrollo, No. 87, Chile [en línea] <http://www.cepal.org/publicaciones/xml/5/31535/clc2800.pdf> consultada 1.10.2016

Revilla, Juan Carlos 2001 *La construcción discursiva de la juventud: lo general y lo particular*. Papers 63/64, pp. 103-122 Disponible en: <http://www.raco.cat/index.php/papers/article/viewFile/25610/25444> consultada: 24.7.2016

Robinson, Bryan 1988 “Teenage pregnancy from the father’s perspective” *American Journal of Orthopsychiatry*, 58(1), 46-51

Scott, Joan 1996 “El género: Una categoría útil para el análisis histórico” En: Lamas, Marta (comp.) *El género: la construcción cultural de la diferencia sexual*. PUEG, México

UNFPA, INE, FCS, MIDES 2014 *Uso del tiempo y trabajo no remunerado en Uruguay 2013*, Montevideo, Uruguay

Valdés, Teresa y Olavarría José 1998 “Ser hombre en Santiago de Chile: a pesar de todo un mismo modelo” en Valdés Teresa y Olavarría, José (eds.) *Masculinidades y equidad de género en América Latina*, FLACSO, UNFPA, Santiago de Chile

Varela, Carmen; Pardo, Ignacio 2013 *La fecundidad bajo el reemplazo y las políticas familias en América Latina y el Caribe: qué puede aprenderse de la experiencia europea*. R. bras. Est. Pop., Río de Janeiro, v. 30, n. 2, p. 503-518, jul./dic. 2013 [en línea] <http://cienciassociales.edu.uy/unidadmultidisciplinaria/wp-content/uploads/sites/6/2014/11/Fecundidad-y-pol%C3%ADticas-familiares-REBEP.pdf> consultado 24.7.2016

Viñar, Marcelo N. 2009 *Mundos adolescentes y vértigo civilizatorio*. Ediciones Trilce. Montevideo. Uruguay

ÍNDICE REMISSIVO

A

Abuso sexual 11, 53, 58, 59, 60, 61, 63, 117, 146

Acesso à justiça 15

Adolescência 107, 109, 125, 142, 143, 144, 145, 147, 148, 149, 151, 152

Adolescente 53, 132, 133, 134, 136, 138, 140, 143, 144, 145, 146, 147, 149, 150, 151, 152

Afrodscendente 103, 108, 113, 114

Agressores masculinos 26, 30

Ansiedade 58, 116, 117, 125, 126, 127, 130, 131

Arima 164, 169, 170, 171, 172

B

Bonecas da moda 64

C

Castidade 78, 79, 80, 82, 83, 84, 85, 86, 87

Conselhos de saúde 42, 44, 45, 50, 51

Contrato social 1, 5, 6, 7, 13, 118

Criança 50, 53, 55, 58, 59, 64, 73, 75, 82, 120, 144, 145, 151

D

Desigualdades de gênero 1, 46

Direito internacional 42, 51

E

Empoderamento feminino 64, 65

Experiências 18, 22, 23, 24, 30, 34, 51, 66, 68, 69, 70, 96, 103, 104, 110, 112, 113, 114, 116, 117, 123, 129, 143, 144, 148

F

Fallon fox 154, 156, 157, 158, 159, 161, 162

Feminismos 15, 17, 18, 20, 21, 24, 25

G

Género 10, 11, 12, 13, 14, 25, 28, 29, 37, 40, 41, 46, 48, 49, 52, 95, 98, 102, 131, 132, 133, 134, 135, 136, 137, 138, 139, 140, 141, 142

Gênero 1, 2, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 16, 17, 18, 20, 22, 24, 25, 26, 27, 28, 29, 30, 31, 32,

33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 41, 42, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 53, 57, 59, 60, 61, 63, 72, 75, 77, 79, 82, 83, 87, 88, 90, 91, 92, 95, 96, 97, 98, 99, 100, 101, 102, 114, 116, 117, 118, 120, 121, 128, 130, 131, 143, 146, 147, 152, 156, 159, 162, 163, 164, 165, 166, 167, 169, 173, 174, 175, 176, 177, 178

Grupos de estudo 103, 104

Grupos de intervenção 26, 31

I

Igualdade de gênero 45, 48, 49, 75, 87, 98, 164, 165, 166, 169, 173, 174

Importunação sexual 15, 16, 18, 19, 20, 25

Intervenção psicológica 26, 32

L

Lugar esportivo 154, 158

Lugar social 2, 3, 154, 158

M

Masculinidade 26, 27, 28, 29, 30, 34, 38, 99, 116, 117, 118, 119, 120, 121, 122, 125, 127, 128, 129, 130, 131, 155, 159, 160, 161, 163

México 26, 29, 30, 34, 35, 36, 37, 39, 41, 48, 52, 141, 142

Morte trágica 78

Mulheres 1, 2, 3, 5, 6, 7, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25, 27, 28, 29, 30, 31, 32, 33, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 50, 51, 52, 55, 57, 63, 64, 65, 70, 72, 74, 75, 77, 79, 80, 82, 83, 84, 87, 88, 94, 95, 97, 99, 101, 102, 114, 115, 117, 118, 119, 120, 128, 129, 131, 147, 156, 157, 158, 159, 160, 162, 163, 165, 166, 167, 168, 170, 171, 173, 174, 175, 176, 177

P

Participação popular 42, 167

Paternidade adolescente 132, 133, 134, 136, 140

Pertencimento racial 103, 104, 105

Pessoas Transgênero 154

Planos Municipais de Educação (PME) 90

Políticas públicas 41, 42, 45, 46, 47, 48, 49, 52, 53, 59, 61, 82, 113, 119, 132, 133, 138, 142, 147, 174, 175

Promoção da saúde 143, 151

R

Representações femininas 1

Representações negras 64

S

Santarém 164, 166, 169, 170, 171, 174

Santidade 78, 80, 83, 85, 86, 87

Saúde da mulher 42, 45, 46, 47, 49, 50, 51, 149

Semiárido 90, 91, 92, 93, 94, 95, 96, 97, 99, 100, 101, 102

Semiótica 64, 66

Sexualidade 8, 12, 18, 30, 41, 51, 84, 85, 87, 88, 90, 95, 99, 116, 119, 120, 121, 126, 129, 130, 131, 143, 144, 145, 146, 147, 148, 149, 150, 151, 152, 153, 162, 163, 176, 177, 178

Sufrimento 17, 31, 79, 80, 83, 116, 117, 120, 125, 126, 127, 129

T

Teorias da justiça 1

Trabalho formal 164, 166, 169, 171, 173, 174

V

Violência doméstica 11, 16, 17, 20, 26, 29, 30, 33, 34, 35, 36, 38, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 79, 88

Violência masculina 26, 33, 39

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



🌐 www.atenaeditora.com.br
✉ contato@atenaeditora.com.br
📷 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
📘 www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Atena
Editora

Ano 2021

Cultura, gênero e sexualidade:

Sujeitos, processos sociais
e práticas educativas



 www.atenaeditora.com.br
 contato@atenaeditora.com.br
 [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
 www.facebook.com/atenaeditora.com.br


Ano 2021